

Prêmio O Futuro da Terra

Caderno especial do Jornal do Comércio | quarta-feira, 31 de agosto de 2022



TÁLIA MEINERZ/JC



PELAS NOVAS GERAÇÕES

Prêmio O Futuro da Terra chega à 26ª edição reconhecendo o trabalho de quem aplica a sustentabilidade no campo. Conheça os projetos vencedores

Evento

JC reconhece a pesquisa no campo

Prêmio O Futuro da Terra, em sua 26ª edição, foi entregue na noite de segunda-feira na Expointer

Diego Nuñez

diegon@jornaldocomercio.com.br

Foram entregues na noite de segunda-feira, no auditório da Farsul, na Expointer, os troféus do Prêmio O Futuro da Terra, promovido pelo Jornal do Comércio e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs).

A cerimônia teve a presença de autoridades políticas e lideranças do agronegócio, incluindo o governador do Rio Grande do Sul, Ranolfo Vieira Júnior, o secretário estadual da Agricultura, Domingos Velho Lopes, e o presidente da Farsul, Gedeão Pereira. A cerimônia foi apresentada pelo colunista do JC, Ivan Mattos.

Criado em 1997, o Prêmio O Futuro da Terra chegou, neste ano, à 26ª edição para reconhecer os destaques da pesquisa e da ciência no agro gaúcho. A já tradicional condecoração visa enaltecer aqueles que dedicam seus trabalhos para aperfeiçoar métodos produtivos no campo e auxiliar na preservação ambiental.

Após dois anos de eventos híbridos e virtuais devido à pandemia de Covid, a cerimônia voltou a ocorrer da forma tradicional. Houve um coquetel na casa do Jornal do Comércio na Expointer às 18h, seguido pela solenidade, que aconteceu às 19h30min.

Há mais de duas décadas e meia a premiação acontece para “homenagear pessoas e instituições que, com o seu trabalho, contribuem com inovações que fortalecem a produção da agropecuária do Estado e do País”, afirmou o diretor-presidente do Jornal do Comércio, Mércio Tumelero.



Pesquisadores agraciados com o troféu posam após a cerimônia realizada na Casa da Farsul, em Esteio



Governador Ranolfo destacou PIB do agronegócio

“O desenvolvimento da pesquisa foi o responsável pela transformação do agronegócio brasileiro em um dos mais competitivos do mundo. Por isso é que nós realizamos todos os anos esse evento que marca nosso respeito e homenagem a homens e mulheres, pesquisadores e técnicos que trabalham para o crescimento das cadeias produtivas”, disse Mércio Tumelero em seu discurso.

O presidente da Fapergs,

Odir Dellagostin, destacou a “profícua e longínqua parceria que nos dá a oportunidade de reconhecer pesquisadores, pessoas de muita relevância em nosso Estado”. E completou: “Quando a gente vê a lista dos indicados que foram preteridos, a gente percebe a importância da premiação. Temos muitos pesquisadores que também merecem esse prêmio e receberão oportunidades no futuro. Vocês merecem estar aqui hoje”, disse em seu



Tumelero relacionou competitividade e pesquisa

discurso. O próprio Dellagostin já foi um ganhador do Prêmio.

Para o governador do Estado, o evento fala por si só. “Talvez não caia a ficha para todas as pessoas, mas um evento com denominação ‘O Futuro da Terra’ fala por si. Efetivamente o agro no Rio Grande do Sul representa aproximadamente 40% do Produto Interno Bruto (PIB). O agro é a locomotiva do nosso Rio Grande”, afirmou Ranolfo.

Gedeão Pereira, presidente

Os premiados

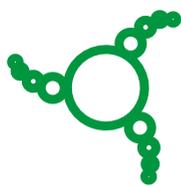
- Cimélio Bayer, Ufrgs
- Claudio Fioreze, IFRS
- Dirceu Agostinetto, UFPel
- Mara Grohs, Irga
- Marisa Ribeiro de Itapema Cardoso, Ufrgs
- Manoela Bertagnolli, Sementes Butiá
- Ricardo Ramos Martins, Emater
- Vinicius Farias Campos, UFPel
- José Miguel Reichert, UFSM
- Vanderlei Neu, produtor
- Zeit Análises Químicas, Incubada na UFSM

da Farsul, lembrou que o sucesso do agronegócio brasileiro se deve também, mas não somente ao esforço do trabalhador do campo. “É obra do produtor rural brasileiro? Não somente. O produtor está em uma ponta mais visível, mas essa história do agronegócio brasileiro, que se tornou o maior exportador líquido de alimentos no mundo, se deve a quem fabrica a máquina agrícola, a quem produz os produtos químicos, a quem transforma os nossos produtos e coloca na gôndola do supermercado, que é o homem urbano. E fundamentalmente à pesquisa.”

O Futuro da Terra é um prêmio que valoriza a ciência e o conhecimento, reconhecendo pesquisadores que, em muitos casos, trabalham em equipe ao longo de anos. Os agraciados receberam muitas palmas, assobios e gritos de incentivo de colegas de trabalho e familiares. Ao fim, o presidente da Fapergs destacou que, ao se destacar um cientista, também se está premiando toda a sua equipe.

EXPEDIENTE

■ **Editor-chefe:** Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br) ■ **Editor-executivo:** Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br) ■ **Editores de Economia:** Fernanda Crancio (fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br)
 ■ **Reportagem:** Bárbara Lima, Claudio Isaías, Diego Nuñez, Fabiana Damian, Jefferson Klein, Leonardo Machado, Luciane Medeiros, Mariana Guazzelli, Mauro Belo Schneider, Nicolas Pasinato, Fernanda Soprana e Patrícia Knebel
 ■ **Projeto gráfico e diagramação:** Luís Gustavo Van Ondehunsen ■ **CAPA:** Foto de Tânia Meinerz/JC. Na imagem, Lucas Neu, filho do agraciado Vanderlei Neu na cerimônia de entrega do Prêmio O Futuro da Terra 2022



Giovanni Jarros Tumelero, Gedeão Pereira (Farsul), governador do RS, Ranolfo Vieira Júnior, e Mércio Tumelero

TÂNIA MEINERZ/JC



Presidente da Febrac, João Francisco Bade Wolf compôs a mesa de autoridades

RAMIRO SANCHEZ/JC

Prêmio O Futuro da Terra



Presidente da Fapergs, Odir Dellagostin, e a coordenadora de Comunicação da Fapergs, Márcia Iracê Borges, na Casa JC

RAMIRO SANCHEZ/JC

O retorno da entrega presencial do Prêmio O Futuro da Terra, uma iniciativa do Jornal do Comércio em parceria com a Fapergs, após dois anos realizado em formato virtual, proporcionou reencontros festivos, já no coquetel de recepção na sempre movimentada Casa do Jornal do Comércio, na Expointer, na entrada da noite de segunda-feira.

O diretor-presidente do Jornal do Comércio, Mércio Tumelero, acompanhado dos filhos Giovanni Jarros Tumelero (diretor de Operações do JC) e Stefania Tumelero (coordenadora de Marketing), recebeu os agraciados e seus familiares, nesta que foi a 26ª edição do prêmio em que se destacam pesquisadores, produtores rurais e empresas que trazem inovações tecnológicas ligadas ao meio ambiente e ao agro gaúcho.

A cerimônia de entrega dos troféus teve seguimento no auditório da Farsul, com a presença do governador do Rio Grande do Sul, Ranolfo Vieira Júnior; do diretor-presidente da Fapergs, Odir Dellagostin; do prefeito de Esteio, Leonardo Pascoal; do presidente do sistema Farsul, Gedeão Silveira Pereira; do presidente da Febrac, João Francisco Bade Wolf; do diretor regional do Bradesco, Marcelo Magalhaes; que compuseram a mesa principal ao lado do secretário estadual da Agricultura, Domingos Velho Lopes, e de Mércio e Giovanni Tumelero.

Também estiveram presentes o presidente do Simers, Claudio Bier, os secretários de Estado Joel Maraschin (Desenvolvimento Econômico) e Mau-

ro Hauschild (Justiça), o secretário adjunto da Agricultura, Rodrigo Rizzo; o presidente do Sindilojas Porto Alegre, Arcione Piva, o gerente regional do Bradesco na Grande Porto Alegre, Julio Frigini, entre outras autoridades e lideranças do agronegócio.



Marcelo Moglia, criador de cavalos crioulos, e Eduardo Linhares estiveram no evento

TÂNIA MEINERZ/JC



Leonardo Pascoal (prefeito de Esteio), Rodrigo Rizzo (secretário adjunto da Agricultura do RS) e Claudio Bier (Simers)

TÂNIA MEINERZ/JC



Marcelo Magalhaes (diretor regional do Bradesco RS/SC) e Domingos Lopes Velho, secretário da Agricultura no RS

TÂNIA MEINERZ/JC



Flávia Tomita, diretora técnica do Irga, e o presidente do Irga, Rodrigo Machado, prestigiaram o evento na Casa JC

TÂNIA MEINERZ/JC

PRÊMIO ESPECIAL

Qualidade do solo e redução dos gases como prioridade

Engenheiro agrônomo Cimélio Bayer, da Ufrgs, foi agraciado com o Prêmio Especial

Luciane Medeiros

luciane.medeiros@jornaldocomercio.com.br

Desenvolver práticas que contribuam para a agricultura conservacionista e de baixo carbono, possibilitando o alto potencial produtivo, alta eficiência e baixo impacto ambiental. Essa tem sido a área de atuação do engenheiro agrônomo Cimélio Bayer, que há 21 anos desenvolve pesquisas para melhoria das técnicas agrícolas. A atuação de Bayer foi reconhecida neste ano com o troféu O Futuro da Terra na categoria Prêmio Especial, uma parceria do **Jornal do Comércio** com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs).

Formado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Bayer tem Doutorado em Ciências do Solo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e Pós-Doutorado pela Embrapa Instrumentação Agropecuária e pela Universidade da Califórnia-Davis, nos Estados Unidos. Atualmente, é professor da Ufrgs, onde realiza pesquisas sobre a qualidade do solo, sequestro de carbono e mitigação de gases de efeito estufa.

As colaborações acadêmicas, empresariais e com produtores, na coordenação e execução de pesquisas de Bayer, contribuem fortemente para o setor agropecuário gaúcho nas melhorias dos sistemas de produção agrícola e pecuário. Além disso, auxiliam no embasamento científico e técnico para discussões e para a formulação de políticas que abordam o tema agricultura, pecuária, agroindústria e meio ambiente.

O engenheiro agrônomo explica que, até algumas décadas atrás, a conservação do solo e a produção pareciam temas desconectados, mas atualmente andam juntos.

“Há o reconhecimento pelos próprios produtores e técnicos de que para produzir bem tem que cuidar do solo, é preciso manejá-



CIMÉLIO BAYER/DIVULGAÇÃO/JC

Projeto se propõe a avaliar a pegada de carbono de fertilizantes

-lo adequadamente”, destaca.

A agricultura conservacionista é conduzida de uma forma em que o solo não degrade. Bayer lembra que as condições de clima no Brasil, com chuvas intensas e alta temperatura, o levam a degradar rapidamente e perder sua capacidade produtiva quando ele é conduzido sob um manejo tradicional de lavração e gradagem (preparo do solo para plantio).

Desde o final do século passado, se descobriu que o plantio direto é uma técnica extremamente importante para conduzir a produção de alimentos e a agricultura a longo prazo, minimizando a degradação. “Mas o plantio direto tem que estar associado a outras práticas, como o cultivo intenso e diversificado de plantas, como a rotação de culturas e uso de cobertura, evitando, assim, técnicas de pousio. A erosão é um processo intenso de degradação do solo que as práticas conservacionistas visam controlar”, destaca.

Mais recentemente, a questão do mercado de carbono internacional surgiu como uma grande oportunidade para a agricultura brasileira, que pode se habilitar a esses créditos através da adoção de práticas conservacionistas. Para tanto, explica Bayer, a agri-

cultura precisa provar que tem potencial de reduzir as emissões de gases para se habilitar aos projetos de crédito de carbono. A prática é comum na agricultura de climas temperados, como, por exemplo, os Estados Unidos, mas na agricultura tropical e subtropical, onde o Brasil está inserido, isso ainda é muito questionado.

“Estamos tramitando com ciência, com pesquisa, projetos da Fapergs e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) para quantificar o potencial de práticas agrícolas em mitigar as emissões de gases de efeito estufa. O objetivo principal é uma agricultura com alto potencial produtivo, alta eficiência e com baixo impacto ambiental, minimizar o impacto ambiental ao máximo”, salienta.

Ele lembra que o Brasil está às vésperas de ter barreiras não tarifárias da Comunidade Europeia em relação a produtos exportados como a soja e carne, e que essas informações da pegada de carbono dos produtos brasileiros são importantes para demonstrar que o Brasil conduz a produção em sistemas sustentáveis de manejo, e se manter protegido dessas barreiras e seus impactos econômicos.

INOVAÇÃO E TECNOLOGIA RURAL

Sementes Butiá alia tradição à inovação

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Criada há 72 anos, até hoje a Sementes Butiá mantém um forte perfil familiar, já que a gestão da empresa fundada por Pedro Bertagnolli foi passando de geração em geração. No entanto, paralelamente a essa continuidade, a companhia também vem acompanhando a modernização do agronegócio e atuando com pesquisa e melhoramento genético para aprimorar o rendimento de sementes, com foco nas culturas de soja e trigo.

A empresa foi agraciada com o Prêmio O Futuro da Terra na categoria Inovação e Tecnologia Rural.

A diretora administrativa da Sementes Butiá, Manoela Bertagnolli, recorda que seu avô Pedro foi pioneiro na região do município de Coxilha, no Norte gaúcho, quanto ao cultivo do trigo. Em 1976, a empresa, já sob gestão do pai de Manoela, Ronald Bertagnolli, começou a operar a sua primeira unidade de beneficiamento de sementes. “Ele introduziu a semente porque era agrônomo e administrador, mas sempre foi um apaixonado por genética e pesquisa”, lembra Manoela, que também é diretora da Associação Brasileira de Sementeiros de Soja (Abrass).

Com o falecimento de Ronald, em 2004, a empresa passou a ser conduzida por outros familiares. Manoela ressalta que a Sementes Butiá atua fortemente com pesquisas trabalhando com várias empresas de genética, elaborando testes para apoiar o desenvolvimento de novas variedades para o mercado.

Ela informa que a companhia

deve produzir neste ano cerca de 6 mil toneladas de semente de trigo de primeira geração e chegar a 12 mil toneladas de sementes de soja. A empresa possui ainda áreas para produção de grãos e trabalha com milho.

A Sementes Butiá conta com 3,5 mil hectares de produção própria e, no sistema de cooperação, são mais cerca de 7 mil hectares para trabalhar com soja e 2 mil hectares para atuar com trigo. São aproximadamente 40 cooperantes espalhados por vários municípios. A companhia atende à região Sul do País, além de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Manoela salienta que a Sementes Butiá opera dentro do conceito de Smart Farm, que busca ações inovadoras para qualificar suas atividades e evitar o desperdício, otimizando todas as áreas da empresa e gerando mais resultados. Ela frisa, por exemplo, que a companhia já trabalha há décadas com o sistema de plantio direto, que prevê boas práticas na lavoura. A diretora acrescenta que a Sementes Butiá é Farm Model da John Deere, fazendo testes de produtos e inovações para esse grupo. Outra parceria, de mais de 30 anos, é com a Biotrigo Genética para o desenvolvimento de cultivares de trigo.

Hoje, a Sementes Butiá verifica em torno de 100 colaboradores e, conforme Manoela, muitos deles são jovens profissionais, na faixa de 25 a 35 anos. No caso dela, a disposição para ingressar na área já estava no seu sangue. “Sou jornalista de formação, mas sou agricultora por vocação, porque já estava nesse negócio quando estava na barriga da minha mãe e a gente gosta daquilo que conhece”, diz Manoela.

DIVULGAÇÃO SEMENTES BUTIÁ/JC



A Sementes Butiá foi criada há 72 anos no município de Coxilha

CADEIA DE PRODUÇÃO E ALTERNATIVAS AGRÍCOLAS

Programa EcoViamão realiza ações agroecológicas em aldeias

Leonardo Machado
leonardom@jcrs.com.br

Coordenado pelo Campus IFRS de Viamão, desde o final de 2016, o Programa EcoViamão, nome fantasia do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica, tem como propósito incentivar a transição ecológica de processos produtivos e sociais. O objetivo é levar sustentabilidade crescente, trazendo metodologias mais eficientes na geração de alimentos, conforme sugere a ONU/FAO. A iniciativa recebeu destaque do Prêmio Futuro da Terra na categoria Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas.

Nessa direção, todas as ações desenvolvidas e executadas trabalham sobre os preceitos

da agroecologia — ciência em construção, não um método de produção, estilo de vida ou movimento social. “A agroecologia é a base para essa transição, onde partimos de um modelo convencional de produção, de educação, de pesquisa, para modelos mais sustentáveis, de base ecológica”, explica Claudio Fioreze, engenheiro agrônomo e coordenador do programa de extensão.

Além de ser a maior cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, Viamão tem 37% do território composto por unidades de conservação e uma grande diversidade étnica, com presença indígena, quilombola e camponesa no seu território. Partindo dessa riqueza ambiental e cultural, o programa identificou que,

apesar de existir uma tradição na produção orgânica dentro do Assentamento Filhos de Sepé, havia alguns problemas. Em vista disso, foi iniciado, em 2018, o Projeto de Redesenho da Matriz Agroecológica do Assentamento Filhos de Sepé, visando incentivar maior diversificação, via horticultura e fruticultura sustentáveis, trabalhando com ações de gestão ambiental, cooperativismo e crédito rural.

Valorizando essa presença indígena no município e compreendendo suas demandas sociais, o EcoViamão desempenha um trabalho de fomento à segurança alimentar dentro das aldeias Mbyá-Guarani, através de ações de incentivo ao cultivo de alimentos tradicionais destes



ECOVIAMÃO/DIVULGAÇÃO/JC

O EcoViamão desempenha trabalho de fomento à segurança alimentar

povos, introdução de cultivos de hortaliças e frutas, fornecendo insumos básicos, orientação técnica e cursos. “Não temos apenas um trabalho para atender as demandas de assistência social da aldeia, mas também de resgatar esse saber ancestral que eles têm e que, na nossa opinião, tem tudo a ver com a agroecologia”, expõe Fioreze. Um dos destaques da EcoViamão é o projeto Hortas Escolares Agroecológicas. Nele, os estudantes escolhem as hortaliças e participam do planejamento,

da execução e da manutenção de uma horta escolar. A proposta é também integrar conteúdos e promover o interesse dos alunos por todas as disciplinas. Os professores das escolas também têm a oportunidade de participar de oficinas de manejo das hortas e oficinas pedagógicas para integrar o espaço em suas aulas.

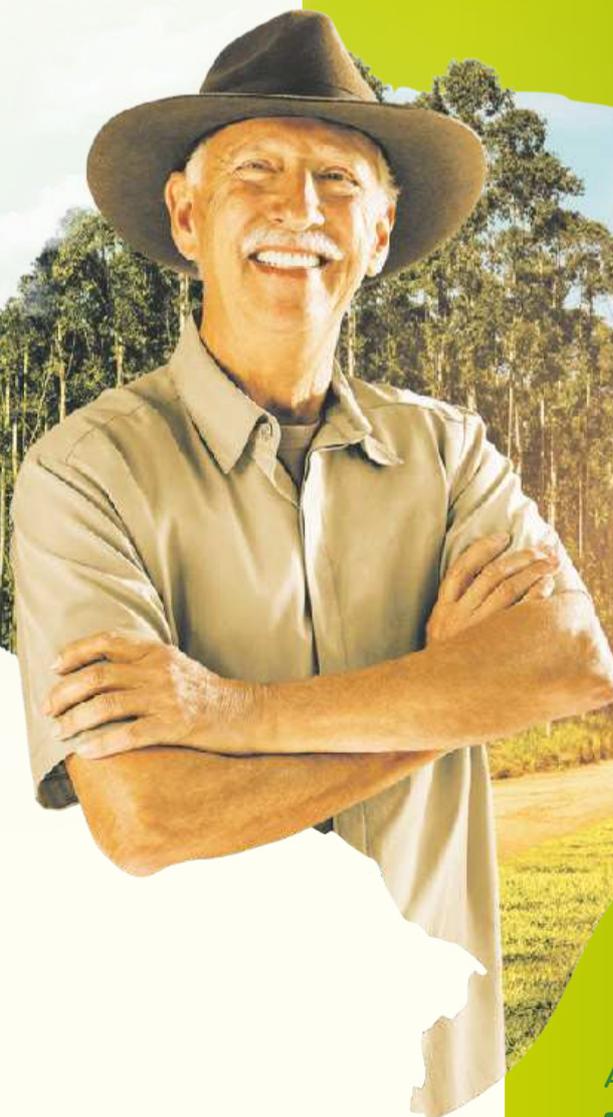
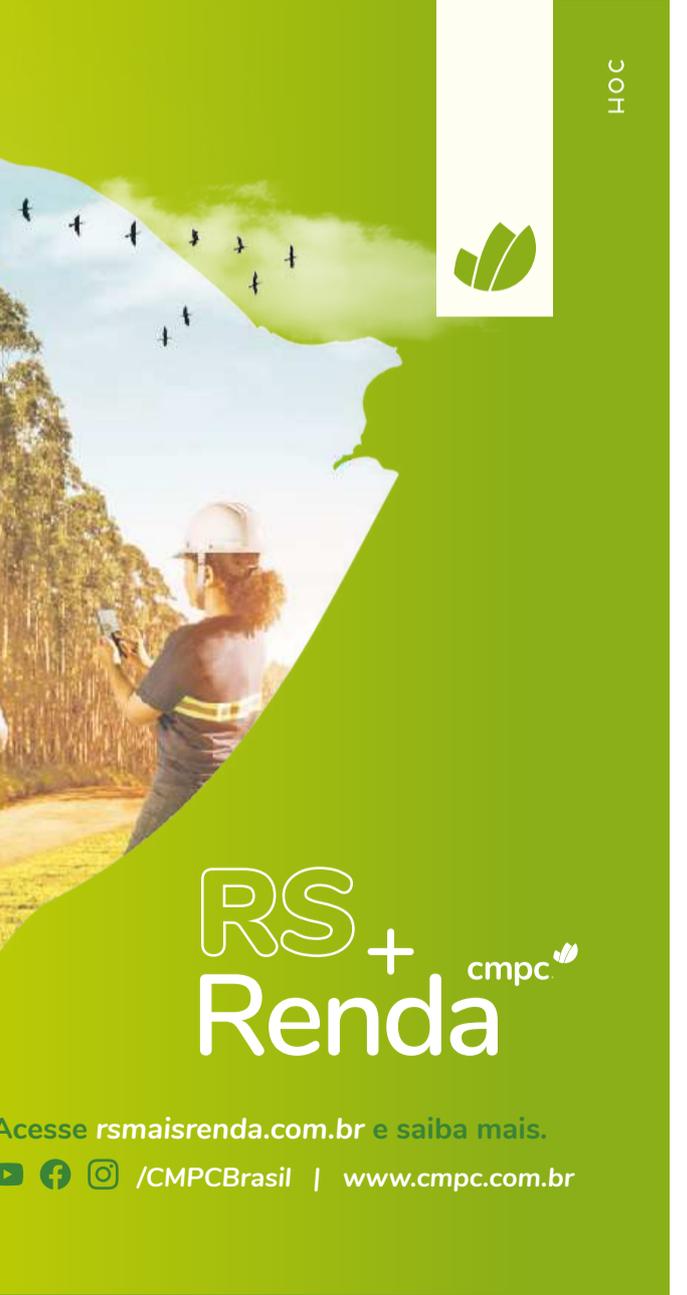
O programa de extensão tem como visão de futuro transformar essas instituições de ensino em faróis agroecológicos para que a comunidade como um todo.

Plantar eucalipto: um negócio seguro e sustentável.

Agora o produtor rural conta com apoio e suporte para iniciar no cultivo do eucalipto. Com o **Programa de Fomento RS+Renda**, você pode agregar uma nova cultura e tirar mais rendimentos da sua propriedade. A iniciativa também oferece **antecipação de pagamento e garantia de compra da madeira**.

Participe e faça parte da cadeia de negócios da CMPC, a maior empresa florestal do Rio Grande do Sul.

Visite a Casa do Jornal do Comércio na Expointer e converse com um de nossos consultores sobre o programa.

HOC

RS+Renda cmPC

Acesse rsmaisrenda.com.br e saiba mais.

   /CMPCBrasil | www.cmpc.com.br

INOVAÇÃO E TECNOLOGIA RURAL

Curso da UFPel aposta em melhoramento genético

Cláudio Isaías
economia@jornaldocomercio.com.br

Com pesquisas para soluções de melhoramento genético de espécies voltadas para o agronegócio na produção de bovinos, suínos e equinos e de espécies aquáticas, o professor Vinicius Farias Campos, superintendente de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), teve o seu trabalho reconhecido na área de Inovação e Tecnologia Rural do Prêmio O Futuro da Terra. O docente atua nos cursos de graduação e pós-graduação em Biotecnologia da instituição de ensino. Uma das pesquisas de doutorado, orientadas por Campos, recebeu em 2021 o prêmio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para a melhor tese em Biotecnologia sobre a temática de marcadores genéticos para determinar a fertilidade em bovinos.

O pesquisador também atua em monitoramento ambiental por meio da genética. “É possível, por meio da observação de marcadores moleculares, explicar e identificar se a qualidade de vida dos animais é afetada, por exemplo, pela utilização de agrotóxicos”, explica. Além de desenvolver o trabalho na área de biotecnologia animal voltada para o melhoramento de espécies animais

como equinos, suínos, bovinos e espécies aquáticas, Campos vem trabalhando no melhoramento genético de animais transgênicos. Paralelo a isso, nos últimos seis anos, o professor passou a coordenar a área de inovação da UFPel. “É um reconhecimento que auxilia em outras frentes. Queremos participar de editais e captar recursos para que a instituição de ensino seja cada vez mais reconhecida pelo trabalho de pesquisa”, ressalta.

Campos coordena o Laboratório de Genômica Estrutural junto ao núcleo de Biotecnologia do Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDTec) da universidade. O laboratório conta com alunos de Graduação, Mestrado e Doutorado. O professor ressalta que, entre as atividades realizadas, estão o sequenciamento de DNA e de genomas, análise de diversidade genética através de diversidade genômica, clonagem e sequenciamento de genes de espécies aquáticas, análise genômica forense e análise genotípica humana. A estrutura possui colaboração com os centros de pesquisa, como o Instituto Pasteur, de Montevideo, e IIB-INTECH, na Argentina.

Na organização de programas de formação e capacitação tecnológica, Campos é coordenador do Programa de Mestrado e Doutorado Acadêmico para a Inovação

(MAI-DAI) na UFPel com financiamento do CNPq e de empresas parceiras. O professor é coordenador do projeto de internacionalização do programa Capes-Print da universidade na área de inovação em biotecnologia intitulado: “Criação do núcleo de inovação em ciência e tecnologia aplicadas à produção de imunobiológicos”. O docente possui interação com centros de inovação da Califórnia, nos Estados Unidos, nas áreas de ciências da vida e biotecnologia. Além disso, Campos é membro do projeto de internacionalização da pós-graduação: Pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação através de colaborações PPG Biotecnologia UFPel - Brasil e University of Illinois - USA em Biotecnologia do Câncer, financiado pela Fapergs.

O professor destacou que a área de inovação na instituição de ensino cresceu significativamente com a criação da Inova - Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional. “A UFPel foi considerada pelo INPI, como a universidade que mais solicitou registros de patentes no Rio Grande do Sul”, destacou. Campos foi eleito para o biênio 2021/2022 como coordenador da Regional Sul do Fórum Nacional dos Gestores de Inovação e Transferência de Tecnologia (Fortec) e tem atuado em nível nacional e internacional em



Laboratórios de Biotecnologia são usados em programas da universidade



O professor Vinicius Campos tem seu trabalho reconhecido no exterior

diversos comitês e conselhos para o desenvolvimento tecnológico do País. Campos é biólogo (2007), Mestre (2009) e doutor em Biotecnologia (2011) pela UFPel, além de professor associado do Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDTec) da universidade no curso Graduação em Biotecnologia. Ele foi agraciado duas vezes com o prêmio Capes de Tese, em 2012, como autor e em 2021 como

orientador, ambas premiações na área de Biotecnologia. É coordenador do projeto de internacionalização Capes-Print na área de biotecnologia com interações com os Estados Unidos, Espanha, Inglaterra, Argentina, Chile e Uruguai. Durante a pandemia da Covid-19, o professor foi um dos fundadores da Unidade de Diagnóstico Molecular do Hospital Escola/UFPel.

Pesquisa contribui para controle de salmonella na produção de suínos



Nicolas Pasinato
nicolasp@jcrs.com.br

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 10% da população mundial tem um episódio de doença transmitida por alimentos (DTA) a cada ano. Na região das Américas, anualmente, 77 milhões de pessoas sofrem da doença e mais de 9 mil morrem por esse motivo. Os dados mostram que o tema de segurança de alimentos segue sendo uma preocupação para a saúde humana bem como para as economias, o que acaba, também, gerando uma atenção especial por parte da academia.

A professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(Ufrgs) Marisa Ribeiro de Itapema Cardoso está entre o grupo de pesquisadores que têm se debruçado sobre o tema, com destaque para o controle de salmonella. Ela é um dos destaques do Prêmio O Futuro da Terra na categoria Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas.

“Em 1998, iniciamos os primeiros estudos que visavam entender a importância da salmonella na cadeia de produtos de origem suína. A importância dessa bactéria para a avicultura já era bem conhecida, mas apenas alguns estudos internacionais haviam focado nas carnes suínas”, recorda.

De acordo com Marisa, que tem formação em Medicina Veterinária, o tema ganhou relevância mundial ao longo das décadas

de 2000 e 2010, conforme a cadeia de transmissão da salmonella ao longo das fases produtivas era demonstrada. “O suíno, por apresentar um ciclo produtivo mais longo, composto por diversas fases, muitas delas envolvendo transferência de uma granja para outra, torna a cadeia epidemiológica bastante complexa”, detalha.

Os estudos realizados pelo grupo de pesquisa do qual Marisa faz parte teve a colaboração de outros institutos, em especial, da Embrapa e foram conduzidos com o objetivo de elucidar a cadeia de transmissão da bactéria, os fatores críticos para a ampliação do problema e maneiras de atenuar os riscos para o consumidor. “Essas iniciativas acompanharam

a tendência mundial das investigações na área, que culminou com a evidência científica de que os esforços de controle de salmonella deveriam iniciar pelo processo de abate dos suínos, prosseguindo de forma simultânea para medidas de boas práticas de produção, higiene e controle de qualidade da ração na etapa de criação dos animais”, relata Marisa.

Conforme a professora, após a discussão de evidências científicas, tais recomendações foram propostas e publicadas em documentos elaborados pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e por um grupo de trabalho da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO/WHO).

CADEIA DE PRODUÇÃO E ALTERNATIVAS AGRÍCOLAS

Produtividade agrícola e segurança alimentar no foco

Fabiana Damian
fabianad@jcrs.com.br

Criado em 1991, o Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), é o único no Brasil com a titulação. A área, que envolve os estudos relacionados à sanidade vegetal e proteção das plantas ao ataque de pragas e doenças, é de extrema importância para a produtividade agrícola e para a segurança alimentar. Por isso, ganhou destaque no Prêmio O Futuro da Terra na categoria Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas.

Atual diretor da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel e docente da UFPel há 17 anos, Dirceu Agostinnetto possui uma carreira

dedicada à ciência reconhecida internacionalmente. Além de atuar na coordenação da Pós-graduação em Fitossanidade, fundou o centro de estudos em Herbologia e coordena a Especialização em Proteção de Plantas, ambos da federal pelotense.

Com o conceito de excelência internacional avaliado pela Capes/MEC — nota seis, em uma escala de até sete —, o departamento de fitossanidade tem suas atividades de ensino, pesquisa e extensão baseadas em uma tradição centenária.

Hoje, dessa pós-graduação saem diversos profissionais e cientistas para o mercado de Fitossanidade, que atuam em instituições de ensino públicas e privadas e são pesquisadores de

empresas da área agrícola.

“Fico muito orgulhoso em receber essa premiação. Serve como um estímulo para que sigamos pesquisando e formando pessoas com elevada capacidade técnica para assumir postos tanto de pesquisa quanto de ensino. Já orientamos dezenas de alunos em diversas linhas de pesquisa, especialmente em fitossanidade, visando desenvolvimento de defensivos agrícolas com menor impacto ambiental”, afirma Agostinnetto. O curso recebe estudantes de todo Brasil, da América do Sul e de outros países, e tem como principal público biólogos, engenheiros agrônomos e engenheiros florestais. O programa de pós-graduação permite o treinamento nas áreas de concentração

DIRCEU AGOSTINETTO/ARQUIVO PESSOAL/JC



Dirceu Agostinnetto

de entomologia, fitopatologia e herbologia, e prepara o profissional para atuar com o manejo sustentável desde insetos e doenças até plantas daninhas. Além disso,

as atividades do PPGFs contribuem com a geração de novos conhecimentos e metodologias relacionadas à sanidade vegetal, através da difusão de tecnologias. A área, relacionada com o objetivo de desenvolvimento sustentável da ONU (fome zero e agricultura sustentável), tem sido o norte dos trabalhos realizados por Dirceu Agostinnetto ao longo de sua carreira.

“Buscamos ser proativos no sentido de contornar o problema e evitar que esses biótipos existentes se difundam não só no estado do Rio Grande do Sul mas também pelo Brasil, e com isso se percam ferramentas de manejo na agricultura”, afirma. Mesmo com dada importância, o professor relata as dificuldades encontradas ao fazer pesquisa no Brasil. De acordo com ele, o baixo investimento público na área prejudica o bom desenvolvimento e tem como consequência uma procura menor dos estudantes. “Fomos perdendo para o mercado de trabalho excelentes profissionais.”

EXPOINTER 2022

Crédito para quem inova e produz no campo.

Venha conhecer os programas de financiamento que o **BRDE** oferece para você que produz no campo. São condições especiais com as menores taxas do mercado para que o seu negócio, cooperativa ou agroindústria colha os melhores resultados.

Acesse o site e consulte nossas linhas de financiamento:
BRDE.com.br

27/AGO
a 04/SET

Parque Estadual de Exposições Assis Brasil,
Esteio/Rio Grande do Sul

brde.com.br

BRDE
BANCO REGIONAL
DE DESENVOLVIMENTO
DO EXTREMO SUL





TODO
MUNDO
TEM QUE
PROVAR



SURPREENDA-SE DESDE
A ESPUMA CREMOSA
ATÉ O ÚLTIMO GOLE.

CERVEJARIA
BELLAVISTA

MARCA REGISTRADA
ANNO - 1924

8

Quarta-feira,
31 de agosto
de 2022



CADEIA DE PRODUÇÃO E ALTERNATIVAS AGRÍCOLAS

Instituição coloca sustentabilidade no centro da pesquisa

LUANA PINHEIRO MARTINS/DIVULGAÇÃO/JC



Mara, pesquisadora do Irga há oito anos, atua em Cachoeira do Sul

Mariana Guazzelli
marianag@jcrs.com.br

Criado no dia 20 junho de 1940, o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) tem como finalidade principal incentivar, coordenar e superintender a defesa da produção, da indústria e do comércio de arroz produzido no Estado. Com a sua estação principal localizada em Cachoeirinha, a instituição contribui com pesquisas que buscam promover o desenvolvimento sustentável do setor orizícola.

Formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a engenheira agrônoma Mara Grohs tem dedicado sua carreira à cultura do arroz desde a faculdade. Nos últimos oito anos, vem trabalhando como pesquisadora no Irga e, atualmente, tem seus estudos voltados para o campo da sustentabilidade na estação regional de pesquisa de Cachoeira do Sul, na linha de manejo e tratos culturais na cultura do arroz irrigado e soja cultivada em terras baixas.

Junto ao Irga, a engenheira agrônoma desenvolve atividades que fazem a interlocução entre a produção propriamente dita com as demandas para o melhoramento genético, para o manejo fitotécnico, sempre na perspectiva de produção, produtividade, rentabilidade e preservação ambiental. A relevância e o desenvolvimento deste trabalho foram

os fatores principais para que a pesquisadora fosse uma das escolhidas para receber o Prêmio Futuro da Terra, na categoria Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas.

“Fiquei muito feliz com esse reconhecimento, foi bem inesperado. As pessoas que recebem esse prêmio geralmente são profissionais que acompanhamos, inclusive nossos professores. Nunca iria imaginar estar no meio disso”, declara Mara.

A emissão de gases que contribuem para o efeito estufa é uma linha de pesquisa bastante desenvolvida pelo Irga. Com o comprometimento do Brasil em reduzir a emissão de gás metano e as demandas do Plano ABC, o instituto tem como foco principal buscar formas de mitigar essa emissão, por parte do cultivo do arroz. Apesar da importância de seu trabalho, a pesquisadora confessa que, nos primeiros anos na estação, a falta de infraestrutura se tornou um grande obstáculo para as suas atividades, exigindo sua participação também no setor administrativo.

Mara acredita que receber o Prêmio O Futuro da Terra prova que, apesar das dificuldades de estar no interior do Estado, é possível realizar um trabalho de mesma qualidade do que é desenvolvido na estação principal. Além disso, declara que esta também é uma conquista para toda a sua equipe.

PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Pesquisador trabalha pela redução do impacto agrícola

Fernanda Soprana
fernandas@jcrs.com.br

Dedicado a encontrar alternativas para minimizar as sequelas ambientais do setor agrícola, o engenheiro agrônomo José Miguel Reichert percorreu uma trajetória científica e docente que resultou em importantes contribuições. Reichert consolidou-se como um dos principais pesquisadores brasileiros nas ciências ambientais e destaque na área agrícola e florestal na América Latina. Neste ano, ele recebe mais um reconhecimento. Reichert é homenageado com o Prêmio O Futuro da Terra na categoria de Preservação Ambiental.

“Ser homenageado representa uma distinção e uma respon-

sabilidade. É muito bom ser reconhecido pelo que se faz. De modo geral, somos – pessoas e instituições – bastante egoístas e não identificamos as qualidades daqueles que compartilham a caminhada. Quero destacar que minha trajetória teve a participação de muitas pessoas, incluindo esposa, colegas professores, pesquisadores de outras instituições e, principalmente, de estudantes que atuaram e atuam no campo e nos laboratórios para a execução das atividades de pesquisa”, diz o professor do curso de Engenharia Florestal e programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Reichert é filho da pequena agricultura familiar, nascido em Cafundó, no interior de Montene-

gro. Tornou-se, então, engenheiro agrônomo e mestre em Ciência do Solo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), PhD em Agronomia/Solos pela instituição estadunidense Purdue University. Hoje, é um dos pesquisadores mais citados no mundo, segundo o ranking World’s Top 2% Scientists.

“Desde a infância e até durante as férias na faculdade, trabalhava na lavoura com a família. O cheiro da terra ainda impregna minha mente”, conta.

“Comecei pesquisando os processos de erosão hídrica com o uso de um simulador de chuvas, avançando para temas da funcionalidade do sistema poroso na condução e retenção de água e elementos químicos e, mais



ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

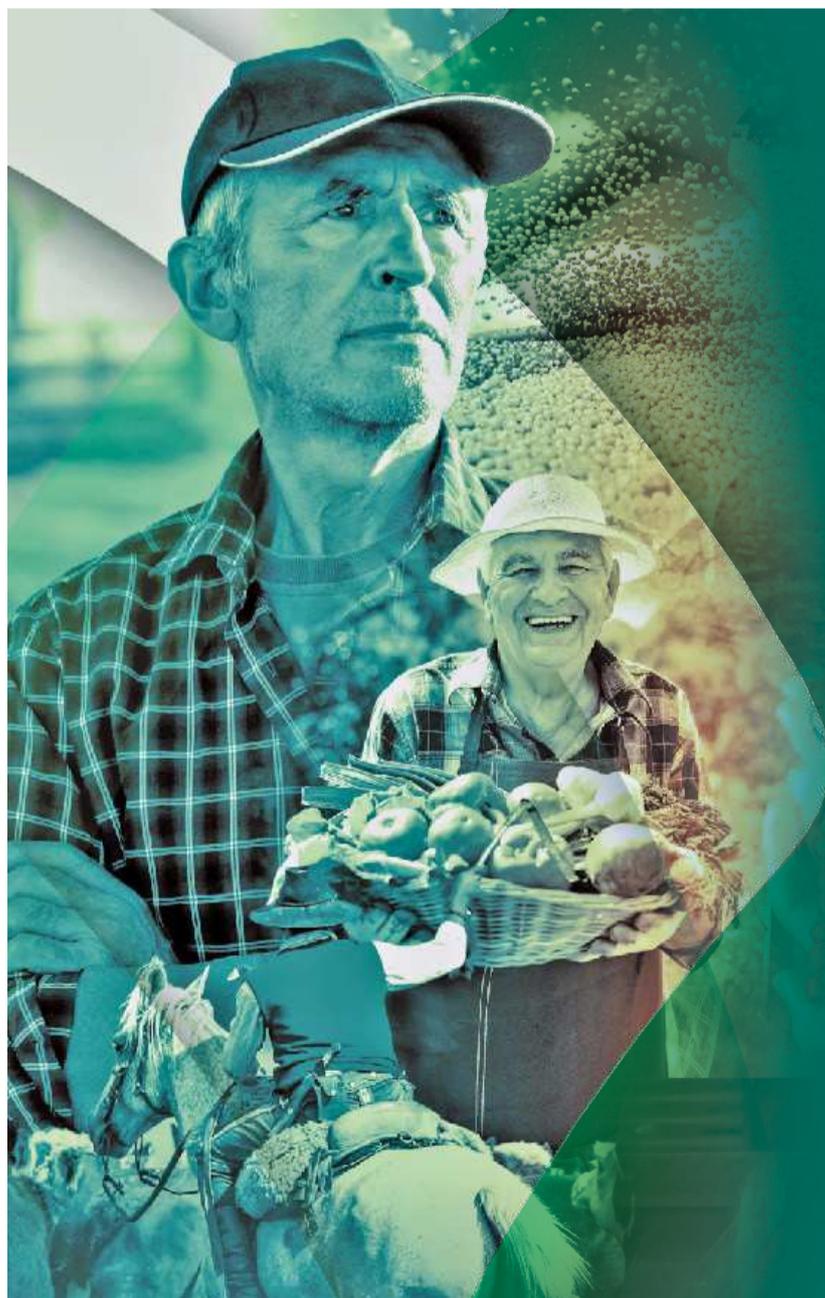
José Reichert consolidou-se como um dos principais pesquisadores

recentemente, uma combinação do tema anterior com estudos em bacias hidrográficas.”

Após a graduação, Reichert trabalhou como extensionista em uma grande cooperativa agrícola. Lá, ele presenciava perdas de solo, água e agroquímicos em lavouras, além das primeiras tentativas de manejo do solo mais conservacionista. “Sempre

esteve presente a preocupação ambiental. Eu buscava e aplicava conhecimentos para minimizar os impactos negativos das atividades do setor agrícola”, relata o professor.

Os projetos de base científica e tecnológica em preservação ambiental conduzidos por Reichert abrangem o território nacional e internacional.



Vamos juntos pelo seu crescimento.

Vamos juntos pela produtividade.
Vamos juntos pela eficiência e pelos resultados.
Vamos juntos pela pecuária, pela agricultura e pelos produtores.

Assim, com você, presentes no seu dia a dia, com informação e apoio, que trabalhamos pelo crescimento do seu negócio e pela sua capacidade de fazer mais.

Desse jeito, juntando conhecimento e prática, fazemos o campo crescer, evoluir e se superar.

Fazemos muito mais do que ensinar. Estamos sempre ao lado do produtor rural, promovendo ações de formação profissional, promoção social, e assistência técnica e gerencial, a fim de contribuir na profissionalização e melhoria da qualidade de vida no campo.



INOVAÇÃO E TECNOLOGIA RURAL

Silos com ventilação natural reduzem gastos com secagem

Bárbara Lima
barbaral@jcrs.com.br

Uma redução de 30% nos custos com secagem de grãos. Essa é a porcentagem de economia que os produtores conseguem ao utilizar os silos secadores de ventilação natural em suas propriedades. O projeto, que tomou conta do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e que se espalha para outros estados, como Minas Gerais, ajuda especialmente pequenos e médios proprietários, que armazenam entre 500 sacos a 40 mil sacos de grãos por safra.

O modelo surgiu a partir de uma pesquisa da Unicamp e foi amplamente difundido, juntamente à sua equipe, pelo engenheiro agrônomo, extensionista aposentado da Emater e ganhador do Prêmio O Futuro da Terra na categoria Inovação e Tecnologia Rural, Ricardo Ramos.

Para proporcionar esta economia, basicamente, o sistema funciona da seguinte forma: os silos secadores são construídos a partir de materiais locais, como tijolos, areia, brita e madeira. A mão de obra também é feita dessa forma, por pedreiros. Além disso, não é preciso muitos pro-

fissionais durante o processo de secagem por silos, por se tratar de um processo natural e que acontece logo após a colheita.

Segundo explica o extensionista da Emater, esse sistema consegue substituir outros mais onerosos por dependerem de transporte até locais onde são realizadas as secagens e que, muitas vezes, podem prejudicar os grãos, como o de secagem por combustão direta da lenha. "Na secagem natural, não tem combustão de lenha. Logo, o produto é de muito melhor qualidade. Não agride o grão, se você pega na mão é como se fosse uma semente", ressalta Ricardo.

Durante os 44 anos em que trabalhou na Emater, Ricardo conta que rodou o Estado ajudando os produtores. "Depois que fiz meu mestrado e conheci os silos, comecei as consultorias a campo e não parei até hoje. Confesso que trabalho tanto quanto antes. Sou muito grato a tudo que aprendi na Emater, com os colegas e com os produtores. As pessoas deveriam valorizar mais essa instituição", ressalta. Além da economia financeira, a secagem com silos é mais segura em termos sanitários. Isso porque, como não uti-

liza alta temperatura, não altera as propriedades dos grãos.

"Ao longo dos anos, vimos que esse tipo, eliminado no processo de secagem por combustão, contamina os grãos e isso pode afetar a saúde dos animais e dos seres humanos", reflete. Segundo ele, quanto mais rápido secar e quanto menos manejar, melhor é para a qualidade do grão.

Um silo de três metros de altura, por exemplo, operando em camada única, pode secar grãos de milho, soja e arroz em apenas 15 dias, sem comprometer a saúde dos grãos. "O silo opera com uma máquina de pré-limpeza com peneiras que não permite a passagem de grãos quebrados para dentro do silo. Isso é ótimo porque assim evita-se a contaminação por fungos", comenta.

Para as safras maiores, como as de 40 mil sacos, é preciso silos também maiores e em quantidade elevada, que operam com altura dos grãos de até um metro, para que a secagem aconteça rapidamente. Se até agora o foco dos silos secadores foi otimizar a estocagem e armazenagem dos pequenos proprietários, realizando uma secagem segura e barata, Ricardo garante que



Engenheiro agrônomo, Ramos (c) aplica o conceito pelo Brasil

um projeto em Minas Gerais está sendo desenvolvido para que propriedades de até 100 mil sacos por safra consigam utilizar a ventilação natural para retirar a umidade da colheita. "A principal diferença é que estes novos silos serão montados como legos, não mais utilizando os materiais locais e construção dos pedreiros", indica.

A história do extensionista aposentado da Emater com o campo é longa. Ele conta que na infância o pai arrendava uma pequena propriedade para plantação de trigo, mas que, após um período de safra ruim, precisou vender todo o maquinário para pagar as dívidas. Assim, a família se mudou para Porto Alegre sem que o engenheiro chegasse a trabalhar na lavoura.

Ricardo cursou o Técnico Agrícola na ETA, em Viamão. Após a conclusão do Ensino

Médio Técnico, iniciou a graduação em Agronomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), instituição com a qual mantém contato até hoje. "Estamos sempre trocando informações com a academia. O papel do extensionista é pegar o que é produzido lá dentro e aplicar na sociedade", pondera.

Sobre a Emater, Ricardo dedica sua formação técnica e pessoal. "Aprendi a ser um ótimo profissional e cidadão lá dentro", avalia. Sobre ser agraciado pelo Prêmio O Futuro da Terra 2022, promovido pelo Jornal do Comércio em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs), ele acrescenta: "Me sinto recompensado. O prêmio é individual, mas essa é uma conquista de todos os meus colegas. Estou muito feliz, é uma grande honra", afirma.

Agricultor vira referência em plantio direto na palha

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

O agricultor e engenheiro agrônomo Vanderlei Neu, de Quinze de Novembro, foi indicado pela Sociedade de Engenheiros Agrônomos de Cruz Alta como um dos destaques na área de preservação ambiental no Rio Grande do Sul. Sua propriedade recebe alunos que pesquisam o tema e é citada em palestras pelo Brasil por ser o verdadeiro modelo de cultivo sobre o sistema de plantio direto na palha. Com esse currículo, ele recebeu o Prêmio O Futuro da Terra na categoria Preservação Ambiental.

No verão, a propriedade de Neu opera com um terço da área focada na cultura de milho e dois terços com soja. No inverno, com a cultura do trigo, aveia e

coberturas de solo no talhão que antecedem o milho. Trata-se, portanto, de um plano de rotação de culturas.

"O trabalho começou em 1993, quando eu e meu pai, Nércio Neu, resolvemos sair do sistema de plantio convencional e começamos a trabalhar nesse novo modelo de cultivo. Foi feita uma calagem nos meses de abril e maio com uma subsolagem profunda e se semeou aveia para a cobertura. No mês de outubro, se passou uma grade sobre essa aveia para semear soja, já que, na época, não se tinha semeadeira para fazer o plantio direto", lembra ele.

Sem tanta tecnologia e acesso a máquinas para plantio direto, pai e filho não tinham a capacidade de cortar a palha com facilidade. Em 1994, então, foi ad-

quirida uma semeadeira própria para isso. Há 28 anos, tudo que é feito na propriedade passa pelo conceito de conservação do solo e da água, garante Neu. "Tenho vários trabalhos de pesquisa para provar as vantagens de fazer esse bom manejo. Já fomos campeões gaúchos de produtividade de soja pelo Comitê Estratégico Soja Brasil (Cesb), em 2016, dentre outros prêmios", afirma.

Para Neu, a distinção do Prêmio O Futuro da Terra o motiva. "É o reconhecimento desse trabalho conservacionista aliado ao meio ambiente, onde somos muito eficientes", entende ele, que está fazendo um museu em sua propriedade.

Uma das razões do sucesso da técnica é que a grande quantidade de palha consegue, num processo de decomposição



Agrônomo Vanderlei Neu tem propriedade em Quinze de Novembro

rápida, disponibilizar os nutrientes, especialmente nitrogênio e potássio, para a cultura do trigo. São abertas galerias que garantem a infiltração de água no solo. Além disso, plantas e coberturas protegem o solo na superfície e

sistemas radiculares abrem galerias, permitindo que partículas do corretivo desçam em profundidade. Tudo isso visa garantir um futuro de qualidade para as próximas gerações, como o filho de Neu, de cinco anos.

STARTUP DO AGRONEGÓCIO

Zeit aposta em IA para levar dados inteligentes para o campo

Patricia Knebel

patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

Dos laboratórios da Universidade de Santa Maria (UFSM), no interior do Rio Grande do Sul, estão saindo para o mercado diversas soluções de ponta lideradas pela Zeit. A startup encontrou o seu diferencial ao apostar em um time de múltiplas habilidades capaz de desenvolver e entregar rapidamente Inteligência Artificial embarcada para o desenvolvimento de sistemas que permitem a tomada de decisões em tempo real no campo.

“Queremos reforçar a nossa missão de como uma empresa estabelecida dentro do ecossistema da UFSM leva novas tecno-

logias para diversas cadeias do agronegócio”, comenta o sócio e cofundador da Zeit, Renan Buque Pardinho. A startup, que faz parte da Pulsar, incubadora do Parque Tecnológico da UFSM, foi uma das vencedoras do Prêmio O Futuro da Terra na categoria Startup do Agronegócio. “Esse prêmio consolida o nosso trabalho e de todos que estão envolvidos com a inovação na Universidade de Santa Maria. É um grande reconhecimento”, complementa.

A mola propulsora de todo esse trabalho que vem sendo feito pela Zeit é a de que o agronegócio, de fato, alimenta o mundo. E quanto mais a tecnologia estiver integrada a todos os processos, maior impacto terá na sociedade.

“O mercado do agronegócio precisa de informações rápidas para a tomada de decisão”, aponta. Em 2020, a Genesis procurou a Zeit para desenvolverem, juntos, uma solução para a análise das propriedades da soja, como proteína e óleo. A partir dessa aproximação, foi criada uma joint venture, a Nira. Hoje, mais de 22 mil hectares de soja plantada no Brasil e 600 mil toneladas de soja estão sendo monitoradas. Outro projeto está sendo realizado junto à cadeia do leite, em parceria com a CCG, de Cruz Alta.

“Eles nos forneceram o acesso aos produtores e, a partir disso, desenvolvemos uma tecnologia portátil para a análise da qualidade do leite”, conta. A ideia é fazer



Paula e Renan são cofundadores da startup agraciada com o prêmio

a rastreabilidade do leite de ponta a ponta, desde a produção até a mesa do consumidor.

Já com a SoluBio Tecnologias Agrícolas, de Goiás, a Zeit está desenvolvendo um sistema

para análise da qualidade de bioinsumos nas propriedades. A Zeit atua nos estados de Mato Grosso, Paraná, Goiás, Tocantins, Maranhão e, obviamente, no Rio Grande do Sul.



GARIBALDI

*Quase um Século de Conhecimento
Transformado em Espumante.*

GARIBALDI
COOPERATIVA VINÍCOLA

vinicologaribaldi.com.br

GARIBALDI
EXTRA BRUT

MÉTODO
12
MESES
CHARENTAIS LONGO

ESPUMANTE NATURAL BRANCO EXTRA BRUT ALC 12,5% V/V

APRECIE COM MODERAÇÃO



O FUTURO DA TERRA

SEMEANDO A VALORIZAÇÃO DO AGRO

A 26ª edição do Prêmio **O Futuro da Terra**, realizado pelo **Jornal do Comércio** em parceria com a Fapergs, reconhece cientistas, produtores rurais e empresas que adotam inovações no campo e que mudam a nossa vida através do **desenvolvimento do agronegócio** e da **preservação do meio ambiente**.

CONHEÇA OS HOMENAGEADOS:

Prêmio Especial
 Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas
 Inovação e Tecnologia Rural
 Inovação e Tecnologia Rural
 Inovação e Tecnologia Rural
 Preservação Ambiental
 Preservação Ambiental
 Startup do Agronegócio

Cimélio Bayer
 Claudio Fioreze
 Dirceu Agostinetto
 Mara Grohs
 Marisa Ribeiro de Itapema Cardoso
 Manoela Bertagnolli
 Ricardo Ramos Martins
 Vinicius Farias Campos
 José Miguel Reichert
 Vanderlei Neu
 Zeit Análises Químicas



Leia a cobertura completa no JC impresso e em jornaldocomercio.com.

